

# Criações que dão formas à sociedade

Design italiano consolida sua importância no Brasil e no mundo, colocando em evidência influências culturais, fatores históricos e o papel social do setor

ROBERTA GONÇALVES

Quando Vitruvius escreveu *De Architectura*, um tratado de dez volumes do período greco-romano, nunca imaginou que a inspiração nas áreas de design, arquitetura e urbanismo teria fôlego para atravessar tantos séculos e chegar em plena forma à Era Digital. A Itália dita referências, desde os rascunhos do arquiteto romano até os modernos desenhos da Ferrari, abrangendo as áreas de moda, arte e arquitetura. Para coroar essa longa trajetória, o Ministério das Relações Exteriores italiano lançou este ano o Dia do Design Italiano no Mundo (2 de março), com eventos espalhados por 100 cidades pelo planeta para comemorar a data. A novidade chega em um momento no qual o Brasil também celebra seus feitos no setor: o prêmio iF Design Talent Award 2017, conquistado por um grupo de estudantes de design da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, na categoria Public Value, que avalia propostas de assistência a pessoas com necessidade.

O Dia do Design Italiano no Mundo trouxe ao país prestigiados profissionais internacionais — como Jacopo Foggini, Massimo Giacon e Anna Gili — e brasileiros premiados como os ítalo-brasileiros Irmãos Campana.

— Nossos avós vieram da Toscana para cultivar café no interior de São Paulo. Cada vez que vamos para a Itália, é como se nossa mente se transportasse um pouco para os antepassados — disseram à **Comunità**.

Eles participaram da Jornada do Design Italiano, um ciclo de palestras e debates que aconteceu no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. O evento, promovido pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália, pela Embaixada da Itália e pelo Instituto Europeu de Design (IED), discutiu desafios e novidades do setor.

De acordo com uma pesquisa da Symbola Fondazione per le Qualità Italiane, entre os anos de 2011 e 2015,



o segmento de Design teve um crescimento de 10,8% contra um decréscimo de -0,1% da economia nacional italiana. O avanço possibilitou um crescimento de 13,8% para a geração de oportunidades no setor, consolidadas em 47.274 empregos. Tantos números positivos geraram, segundo a Symbola, um faturamento de 4,4 bilhões de euros para a economia. A maior parte das empresas concentra-se em quatro regiões: 24,9% na Lombardia, 11,6% na Emília-Romanha, 11,2% no Vêneto e 10,5% no Piemonte.

## Paisagens e animais brasileiros inspiram criações realizadas em Milão

Da Lombardia, primeira colocada do ranking da Symbola, vieram três designers que participaram da Jornada do Design Italiano no Brasil. Com estúdio localizado em Milão, Jacopo Foggini, Massimo Giacon e Anna Gili mostraram seus pontos de vista sobre o setor e falaram de seus projetos mais marcantes e da influência do Brasil sobre seus trabalhos.



O mestre italiano Giacon se apresentou no IED-SP. Designer, artista multimídia, músico e chargista, ele ilustrou a campanha publicitária da vodka Absolut, entre outros trabalhos. Também atuou em projetos e estampas para Rainbow, Memphis e os relógios da Swatch. As apresentações de Giacon ocorreram com uma master class, em que ministrou uma aula aberta para o público, e num encontro performático, em que falou um pouco de seu trabalho.

Foggini, que caracteriza a produção pelo uso de metacrilato em suas criações (material normalmente aplicado em automóveis), se apresentou no IED-RJ, onde destacou a riqueza do artesanato brasileiro:

— Caminhando pelo centro do Rio de Janeiro, vi senhoras idosas que trabalhavam com treliças de bambu, o que é altamente inspirador. A própria geografia da cidade já é um desenho natural. Olha a cor e a luz desse céu: são incríveis! — disse à **Comunità**, enquanto se encantava com o visual do terraço do IED-RJ, na Urca.



Ao lado, reunidos no evento no IED-RJ: os irmãos Fernando e Humberto Campana, o cônsul do Rio, Riccardo Battisti, Alessandra C. e Jacopo Foggini (crédito Gillo Brunisso). Acima, Fernando Campana, Túlio Mariante, Jacopo Foggini, Humberto Campana e Fabio Palma. Abaixo, plateia acompanha conferência em Curitiba

Para Anna, o design brasileiro traz um retrospecto cultural proveniente de um estilo internacional dos anos 1950. Ela conclui sua análise fazendo uma comparação entre os dois países:

— A Itália é pequena, e ali todos se sentem designers, os profissionais e cidadãos comuns. O Brasil é muito grande e preserva essa diferença entre profissionais e sociedade. Por isso, existe a necessidade de integrar as pessoas comuns ao mundo do design.

Entusiasta do artesanato brasileiro, Tulio Mariante, curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), presente no evento do IED-RJ, observa que temos uma grande riqueza com objetos construídos em barro, seja de origem popular, seja de origem acadêmica. Em entrevista à **Comunidade**, ele antecipou os preparativos para uma exposição do MAM-RJ, que contará a história do barro, ainda sem previsão de abertura:

— Vai começar com uma urna mortuária de povos que ocuparam o Brasil muito antes da sua descoberta. A urna não poderá ser transportada. Ela será reimpressa por 3D em barro — adianta Mariante.

### O papel social do design pela melhoria do espaço urbano

Quando se fala em cores e artesanato, os premiados Irmãos Campana — que trabalham com materiais do dia a dia, como cordas e mangueira de jardim — conhecem bem o caminho e, de preferência, os caminhos do interior do Brasil, onde desenvolvem projetos com artesãos e comunidades locais. O objetivo não é apenas buscar um novo sopro estético para seus trabalhos, mas também assumir sua responsabilidade social nesse processo, como destacaram na apresentação realizada no IED-RJ.

— Acharmos importante não deixar morrer uma cultura tradicional e, ao mesmo tempo, recuperar vidas que precisam de incentivo e apoio. É também nessa cultura tradicional que estão nossas recordações de

A designer Anna Gili, que leciona no Politecnico di Milano (Facoltà del Design), se apresentou em Curitiba. Ela também se inspira na cultura verde-amarela. Sua obra, com muitos elementos latinos, explora o tema das cores e dos animais:

— Meu trabalho tem uma forte identidade latina, porque a Itália é um país latino, da mesma forma que a França, Portugal, Espanha e, principalmente, o Sul da Europa. Minhas criações, assim como Baragán e Gaudí, são mais ligadas ao mundo das cores tropicais do que ao ambiente milanês. Na verdade, nem sei por que vivo em Milão — ironiza.



## “Queremos democratizar o acesso às nossas peças a preços mais populares”

Irmãos Campana

Outro momento de encanto na trajetória de Foggini, em um cenário bem menos tropical, aconteceu durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim, em 2006, que marcou a última apresentação pública do tenor Luciano Pavarotti. O evento teve produção executiva de Marco Balich, que também coordenou a cerimônia de abertura das Olimpíadas no Rio de Janeiro. Na ocasião, Foggini criou o projeto de um imenso Lampadário, com 9m de diâmetro por 11m de altura, suspenso 25 metros no palco.

— A parte mais difícil foi controlar a expectativa, porque era uma produção veiculada para o mundo inteiro. Se saísse qualquer coisa errada, seria uma gafe mundial. Felizmente, deu tudo certo — comemorou.

infância e adolescência, na cidade de Brotas, interior de São Paulo. Hoje, gostamos de trabalhar com artesãos brasileiros, comunidades e o campo.

Essa convicção veio também por influência de profissionais italianos do setor, como explica Humberto Campana.

— Lina Bo Bardi, arquiteta modernista, e Pietro Maria Bardi, crítico de arte, nos ensinaram que o Brasil tem muita criatividade rural. É um espaço em que o trabalho anônimo, feito em comunidades e no campo, revela um design poético subjetivo.

Na prática, um dos resultados mais expressivos dessas raízes do interior do Brasil se concretizou na coleção Cangaço, de 2015, que nasceu no projeto Artesanato Solidário, programa social criado por Ruth Cardoso, em 1998. As peças — cadeiras, poltronas, sofás e espelhos — foram “vestidas” de couro colorido e palha trançada, retomando um pouco o couro usado por Lampião e seus cangaceiros.

Contudo, não satisfeitos em envolver a comunidade na execução de seus projetos, agora, os Campana querem também ampliar o alcance às suas obras.

— Queremos democratizar o acesso às nossas peças a preços mais populares. Por isso, vamos lançar em maio deste ano, pela Tok&Stok, a coleção Assimétrica. São móveis coloridos, em madeira, mesas, bancos, escrivaninhas. No início, estará disponível somente em São Paulo. Depois, para todo o Brasil — disseram à **Comunità**.

Porém, engana-se quem pensa que as raízes dos Campana estão somente no interior ou na zona rural. A lembrança urbana mais marcante dos irmãos vem da adolescência em Brotas, com outro tipo de arte: o cinema italiano.

— A pequena sala de projeção da cidade lembrava o Cine Paradiso. Passávamos muitas tardes assistindo de Pasolini a Rita Pavone nas sessões de matinê. Felizmente, o proprietário tinha bom gosto para escolha dos filmes — brincaram, exibindo um sorriso nostálgico.

Já as experiências urbanas da designer italiana Anna Gili com a arte são mais contemporâneas e se desenvolvem em estações de metrô. Ela e outros designers participam do projeto Le stazioni dell'arte, um conjunto de obras artísticas e funcionais realizado nas estações de metrô de Nápoles.

— É a arte dentro da cidade para humanizar o espaço, deixando-o mais eficiente e confortável.

Trabalhamos em 12 arquitetos internacionais e 120 artistas. Atuamos em uma zona com problemas na cidade, renovando lampiões, calçamento e outros itens. Então essa reforma buscou também uma revitalização cultural do bairro, em estações como Materdei e Toledo — explicou.

A estação de Toledo, inclusive, projetada pelo arquiteto Oscar Tusquets Blanca e pelo designer William Kentridge, recebeu do jornal britânico The Daily Telegraph e da rede CNN o título de estação de metrô mais bonita da Europa. O tema escolhido — a água e a luz — dá a sensação de o usuário estar mergulhando no mar, ao entrar na estação.

### Projeto de estudantes de São Paulo vence concurso alemão

Esse papel social do design também pode ser constatado nas novas gerações brasileiras. Um projeto que busca resolver o problema de comunicação e informação dos refugiados, principalmente os sírios, criado por estudantes do curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, foi o vencedor, em março, do prêmio iF Design Talent Award 2017, realizado na Alemanha, considerado um dos maiores prêmios do setor. O aplicativo Inter-Refugees foi agraciado na categoria Public Value, que avalia propostas de apoio e suporte para ajudar pessoas.

As áreas de design gráfico/comunicação e design digital/multimídia — nas quais se insere o projeto premiado dos estudantes do Mackenzie — respondem juntas por mais da metade dos setores de maior atuação no Brasil, respectivamente, com 38% e 22% de incidência. Os dados são do estudo “Diagnóstico Brasileiro do Design”, realizado pelo Centro Brasil Design (CBD), a pedido do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Apex Brasil, em 2014. Nos últimos anos, alguns mecanismos têm sido gerados para estimular o setor no país, como o BNDES Prodesign, um banco de fomento que financia o Programa BNDES de Apoio a Investimentos em Design, Moda e Fortalecimento de Marcas. Iniciativas como essa têm colaborado para gerar uma média de 4.200 postos de trabalho no setor de design brasileiro, segundo o CBD, o que, comparados aos mais de 47 mil empregos apresentados pela Fondazione Symbola, na Itália, parece indicar que ainda “engatinhamos” no segmento.



**“A excelência do made in Italy também deriva do Renascimento, quando nasceu a principal marca da excelência italiana: a combinação da arte com a técnica. Por isso, todo artesão italiano traz no DNA um olhar adquirido ainda na Renascença”**

Anna Gili, designer italiana

Porém, neste caso, é preciso destacar que essa diferença numérica é também um reflexo da abismal diferença histórica entre as duas culturas. Se na Itália já se discutia sobre o tema desde os primeiros rascunhos de Vitruvius, no Brasil, apesar de alguns “ensaios” no século XIX, a primeira instituição do setor, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), foi fundada somente na década de 1960, no Rio de Janeiro.

Anna Gili faz um breve balanço da questão, analisando o design italiano sob a ótica do made in Italy e do período do Renascimento:

— A excelência do made in Italy também deriva dos ateliês artísticos do Renascimento e de pinturas humanísticas. É nesse período que nasce a principal marca da excelência italiana: a combinação da arte com a técnica. Aqueles ateliês artísticos deram origem às corporações de artesanato do norte e do sul da Itália. Por isso, todo artesão italiano traz no DNA um olhar adquirido ainda na Renascença. Hoje, o design italiano atua com linguagens muito diversas. Não se trata mais de um design pós-guerra, mas de tantas pessoas que vivem em Milão e que compõem essa atmosfera cosmopolita — conclui.